

Zélia: Credores terão de esperar pelo pagamento dos atrasados

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Os bancos credores do Brasil ainda vão ter de esperar um pouco mais para saber se o País vai pagar pelo menos uma parte dos juros atrasados desde julho passado (US\$ 5,3 bilhões até aqui), antes que o Governo inicie a renegociação da dívida externa.

A Ministra de Economia, Zélia Cardoso de Mello, disse ontem à tarde, aqui, que só no fim deste mês é que começará a pensar no assunto. O motivo é que apenas na última semana de maio ela receberá os resultados da revisão do Orçamento, que apontarão os primeiros resultados concretos do Plano Collor.

Segundo ela, sem esses números é impossível sequer vislumbrar a possibilidade de pagar os atrasados, ou mesmo de saber quanto o Brasil solicitará em empréstimos novos — seja o acordo **stand-by** com o Fundo Monetário Internacional (FMI), seja o pacote com os banqueiros.

— Nós sempre enfatizamos que temos interesse em sentar à mesa para negociar com todos, FMI, Clube de Paris e bancos comerciais. Mas vamos inaugurar uma nova fase em nossa História: vamos ver os objetivos que poderão ser de fato cumpridos. Estamos aguardando essa revisão do Orçamento para poder iniciar os entendimentos. Aí vamos saber em que condições poderemos iniciar as negociações e trabalhar numa proposta — disse a Ministra, em entrevista.

Em seu discurso no FMI, de manhã, a Ministra afirmara que o Brasil já está pronto para renegociar a dívida, mas ressaltando que a determinação política do Presidente Collor é de “primeiro colocar a nossa casa em ordem e, depois, buscar um entendimento com nossos parceiros”. Segundo Zélia, o País está decidido a se livrar do “círculo vicioso que tem caracterizado o manejo do problema da dívida”. Mas há uma prioridade:

— Nossas decisões de política econômica vão tanto preceder quanto determinar os nossos compromissos externos.

Zélia disse que, nas negociações, o Governo se guiará pela necessidade de combinar perfeitamente o serviço da dívida com a capacidade do País de pagar.



Telefoto Reuter

Zélia conversa com o Embaixador Marcílio Marques Moreira na sede do FMI

— Isso é determinado pelas restrições fiscais e monetárias, e deve ser consistente com o equilíbrio macroeconômico e com o crescimento sustentado — disse a Ministra.

Zélia solicitou a cooperação dos governos credores através de uma nova política de impostos e contabilidade, para que haja maior incentivo à redução da dívida. Pediu também que o Clube de Paris adote “um enfoque mais imaginativo e flexível” em suas negociações com o Brasil.

Na entrevista, a Ministra disse que o Governo ainda não tem uma proposta para a negociação, devido à falta de conhecimento sobre o alcance da nova política:

— Até que terminemos a revisão do Orçamento, será impossível saber quanto pediremos em novos empréstimos.

A Ministra contou também que acabara de acertar com o Diretor do FMI, Michel Camdessus, a ida de uma missão do órgão ao Brasil, na primeira quinzena de junho, quando

terão início formal as negociações. O único detalhe dos planos brasileiros para essa conversa, adiantado por ela, foi com relação a uma das modalidades de redução da dívida:

— Nós vemos com bons olhos o mecanismo de troca de parte da dívida por investimentos no País. Trata-se de um recurso que pode ser usado. Mas pretendemos discuti-lo só no momento que estivermos negociando diretamente com os banqueiros.

Zélia comentou que o Governo tampouco definiu como pleiteará seu ingresso ao reduzido clube de países que até o momento se candidatou ao Plano Brady, para reduzir a dívida. O próprio Nicholas Brady quis saber algo a respeito, numa conversa que teve com Zélia ontem, mas ela evitou discutir o assunto:

— Brady me pediu uma avaliação do nosso plano. Ele queria saber os primeiros resultados. E eu lhe informei sobre os dados que já temos em mãos. Não consideramos especificamente o Plano Brady.